

Ser isento, imparcial e verdadeiro: a dura missão do biógrafo

Suênio Campos de Lucena*

Resumo

Neste texto, são discutidas as características e os limites da biografia, narrativa que se equilibra entre a checagem de fatos e a audição de versões, frequentemente às voltas com a isenção, a imparcialidade e a verdade, elementos perseguidos por muitos biógrafos. Analisamos, porém, uma obra que segue direção oposta a essa “estrutura clássica” – o livro Ho-ba-la-lá: à procura de João Gilberto, do jornalista Marc Fischer, que explora as possibilidades do filão mesclando ficção a fatos reais. A intenção é demonstrar outros formatos possíveis da narrativa biográfica. Para isso, recorreu-se às seguintes bases teóricas: O espaço biográfico, de Leonor Arfuch; O jornalista e o assassino, de Janet Malcolm; e Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida, de Sergio Vilas Boas.

Palavras-chave: Biografia. Verdade. Ficção. João Gilberto.

* Professor Dr. adjunto do Curso de Comunicação Social da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Introdução

Vários estudiosos têm se debruçado, nos últimos anos, sobre a narrativa da biografia e a relação entre biógrafos e biografados. Os livros de Janet Malcolm (2011) e Leonor Arfuch (2010) vieram se somar ao ensaio de Pierre Bordieu (2006), “A ilusão biográfica”, todos eles, contribuições críticas importantes sobre um tema marcado pela controvérsia.

Essa questão será abordada mediante a análise de um perfil, lançado em dezembro de 2011 no Brasil, o livro *Ho-ba-la-lá: à procura de João Gilberto*, do jornalista alemão Marc Fischer. Antes, faz-se menção a dois casos emblemáticos em torno do filão biografia (que se evitará tratar como gênero, optando pela denominação de filão) a fim de discutir as características e os limites dessa modalidade de texto que permite ângulos e abordagens os mais diversos.

Dois casos ocorridos nos Estados Unidos durante a década de 1970 geraram desdobramentos críticos e jurídicos sobre o filão biografia. O primeiro, na verdade, está mais relacionado com o tema da liberdade de expressão, debate acirrado diante das primeiras revistas que estamparam fotos de mulheres nuas, como a *Hustler*, do empresário Larry Flynt. Após enfrentar muitos processos e detenções, ele apelou para a Suprema Corte. Em sua famosa decisão, a corte máxima decidiu pela livre circulação desses produtos e de outros que alimentavam a chamada indústria pornográfica, abrindo um histórico precedente jurídico para a questão. O caso originou o filme *O povo contra Larry Flynt* (1996), de Milos Forman¹.

Outro episódio relacionado ao tema e que gostaríamos de destacar tem a ver com uma tragédia também ocorrida no início de 1970: o assassinato de quatro pessoas a golpes de faca e pauladas, todas membros de uma mesma família – Colette Stevenson, que estava grávida, e suas duas filhas, de cinco e dois anos. O principal suspeito era seu marido, o médico Jeffrey MacDonald, que, à época, alegou que sua casa foi invadida por seguidores de Charles Manson (cujo grupo assassinou, em agosto de 1969, a atriz Sharon Tate, mulher do diretor de cinema Roman Polanski).

Entrevistado pelo jornalista Joe McGinniss, o médico o convidou a integrar sua equipe de defesa a fim de que este pudesse escrever um livro contando sua história de vida e sua versão de inocência. Quase dez

1 Trata-se do processo movido pelo pastor evangélico Jerry Falwell contra o empresário Larry Flynt. Apesar da pressão exercida por milhares de religiosos, Falwell perdeu. A Suprema Corte afirmou não se considerar no direito de impedir as publicações de Flynt por não incitarem o ódio nem a violência. Com isso, a Justiça norte-americana, em pleno apogeu da era AIDS (um dos argumentos do religioso contra as publicações de Flynt que, a seu ver, incentivariam a promiscuidade), decidiu que não lhe cabia intervir na circulação de publicações nem autorizar previamente o que as pessoas deviam consumir. A corte entendeu que as publicações de Flynt, embora machistas e extremamente apelativas, deveriam ter a mesma proteção da lei que garante a liberdade de expressão, assegurada na Primeira Emenda da Constituição.

anos após os assassinatos, o médico foi condenado à prisão perpétua, em agosto de 1979. Ele só conheceu o conteúdo do livro em seu lançamento, em 1983, quando, visando divulgá-lo, concedeu uma entrevista ao vivo da prisão para um programa de TV. Naquela noite, o público espectador e o próprio médico reagiram surpresos quando o apresentador revelou o teor do livro – o jornalista havia escrito uma versão totalmente contrária à combinada, descrevendo o médico como um psicopata incapaz de vislumbrar o sentimento alheio, perverso misógeno que abateu a própria família, todas mulheres, ambicionando liberdade.

O livro alcançou a lista dos mais vendidos. Sentindo-se traído, o médico processou o jornalista. Anos depois, os dois assinaram um acordo, com o jornalista pagando 325 mil dólares ao médico.

Este caso foi explorado longamente no livro *O jornalista e o assassino*, da norte-americana Janet Malcolm (MALCOLM, 2011), que já havia tratado da questão no livro *A mulher calada* (MALCOLM, 1995), onde analisou biografias da poetisa Sylvia Plath. Sua intenção não foi rever o que ocorreu na noite em que uma mãe grávida e suas filhas foram mortas, mas, sim, discutir a relação entre biógrafo e biografado, que, para ela, terminou com “cinco dos seis jurados... persuadidos de que um homem que estava cumprindo três sentenças consecutivas de prisão perpétua pelo assassinato da esposa e de duas filhas pequenas merecia mais simpatia que o escritor que o enganara”. (MALCOLM, 2011, p. 13)

A frase que abre o livro *O jornalista e o assassino* tem sido muito repetida. Diz Malcolm (2011, p. 11):

Qualquer jornalista que não seja demasiado obtuso ou cheio de si para perceber o que está acontecendo sabe que o que ele faz é moralmente indefensável. Ele é uma espécie de confidente, que se nutre da vaidade, da ignorância ou da solidão das pessoas.

Para ela, o jornalista não reproduziu a versão do médico porque, desde o início, já tinha uma tese pronta, traçada previamente. Enfim, trata-se de um traidor.

Raciocínio que provoca discordância de Frias Filho (2011), autor do posfácio da edição brasileira. Para Frias Filho (2011, p. 159), Malcolm também é parcial ao tratar o jornalista como vilão em seu livro, aquele que se aproveitou da confiança do médico para lançar um *best-seller*. Frias Filho (2011) acredita que ela também defende um lado, no caso, o médico. Para ele, Janet não cultiva: “uma atitude de neutralidade ou indiferença como narradora... não é raro que tome partido (no caso deste livro, a favor do ‘assassino’ e contra o ‘jornalista’” (FRIAS FILHO, 2011,

p. 162). Isso porque, segundo Frias Filho (2011, p. 160), ela acredita que entre biógrafo e biografado há “uma relação de poder em que a fonte é invariavelmente prejudicada”.

Por fim, parece desagradar a Frias Filho (2011, p. 164) a ideia defendida no livro de Malcolm – a *impossibilidade* de relatar a verdade: “Estamos no reino das versões, já que a verdade é postulada como inalcançável”. De fato, o livro de Malcolm não pretende *desvendar* quem fala a verdade, mas explorar os inúmeros impasses de um filão, que, para ela, é problemático, pois, defende Janet, uma vida jamais poderá ser contada com isenção. Ela acredita, ainda, que o biógrafo seja um profissional *dividido* entre *inventar* um personagem ou *perseguir a verdade a qualquer preço*, e que, quando confrontado com a impossibilidade da verdade, este acaba contando *o que quer*. Mesmo bem-intencionado, caso o biógrafo insista em seguir esse modelo ele estará fadado ao fracasso, pois linguagem é representação e, como tal, nenhuma vida conseguirá ser reproduzida num livro, crê Janet.

Ho-ba-la-lá: à procura de João Gilberto, de Marc Fischer

No Brasil, o filão da biografia obteve grande sucesso, sobretudo, a partir da década de 1980, ao lado de relatos juvenis como *Feliz ano velho*, de Marcelo Rubens Paiva (1982), e *Com licença eu vou à luta*, de Eliane Maciel (1982), *best-sellers* adaptados com igual sucesso para o cinema. Muitos livros sobre a vida de artistas, personalidades e esportistas foram editados aproveitando o fim do regime militar, mas, passado esse período de *boom*, hoje vivemos o inverso.

Esse tema tem ganhado impulso nacional em face de várias obras proibidas de circular, conforme ações movidas por biografados e herdeiros. São os casos dos livros *Lampião: o mata sete*, de Pedro Morais (2011), e *Roberto Carlos em detalhes*, de Paulo César de Araújo (2007), para ficarmos em dois exemplos. Com isso, editoras cancelaram projetos e permitiram lançar apenas biografias que contam com a anuência dos biografados (ou seus herdeiros), o que o mercado chama de “biografias chapa branca”, cujos conteúdos são lidos e aprovados².

Contudo, não nos propomos neste texto discutir decisões judiciais nem marcar uma *tomada de posição* pró-biógrafos ou biografados. Essa

2 Ao contrário dos Estados Unidos, no Brasil não existe a prática (editorial, portanto, sem valor jurídico) de se incluir na capa de uma biografia uma faixa ou tarja destacando não ser autorizada, menção criada a fim de destacar que o biografado não autoriza nem concorda com o conteúdo daquele livro. Os casos de proibição e de recolhimento de livros nos Estados Unidos são bastantes raros. Lá, quando processados, autores e editoras são julgados e, se condenados, pagam vultosas multas. Contudo, por mais falhas e inverdades que uma biografia norte-americana perpetre, a Justiça daquele país não costuma decidir pelo recolhimento de livros. Na maioria dos processos de calúnia e difamação, biógrafos e editoras respondem judicialmente por distorções e até inverdades, mas os livros seguem circulando.

questão aguarda pronunciamento do Supremo Tribunal Federal sobre uma Ação Direta de Inconstitucionalidade, movida em agosto de 2012 pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros. Embora não se explore aqui essas decisões, mais afeitas à área do Direito, essa questão nos leva a refletir sobre o que está no cerne de toda a discussão – a narrativa biográfica, que tem por base a verdade, mas também a memória oral.

Para melhor compreender o filão, abordou-se um perfil biográfico. A escolha recaiu sobre uma obra recente e que tem passado quase despercebida: *Ho-ba-la-lá*: à procura de João Gilberto, do alemão Marc Fischer (2011), livro que parece fugir do modelo “clássico” de biografia ao incrementar imaginação a fatos reais, seguindo o estilo do *New Journalism*, praticado por Truman Capote e Gay Talese, que utiliza recursos literários sem dispensar o levantamento de dados e a pesquisa de contextos histórico e pessoal do biografado. Um livro cujo autor parece não buscar *verdade alguma* em suas 180 páginas, repletas de dúvidas e mais dúvidas. Antes, segue vertente similar aos livros *Em liberdade*, diário ficcional de Silviano Santiago (1981), sobre o escritor Graciliano Ramos; e *A última quimera*, recriação de Ana Miranda (1995) sobre a vida do poeta Augusto dos Anjos, para se ficar em dois exemplos de perfis brasileiros que abordam personagens reais com tratamento ficcional.

O tom de *Ho-ba-la-lá* é engraçado e movido por um propósito bastante curioso. Trata-se da passagem pelo Rio de Janeiro, em outubro de 2010 (em meio à vitória da presidenta Dilma e à ocupação de favelas), desse alemão que vem para o Brasil para que João Gilberto cante e toque para ele sua canção *Ho-ba-la-lá*, que Marc Fischer ouviu em Tóquio por intermédio de um amigo japonês e, desde então, nunca mais a esqueceu.

Enquanto não se encontra com o cantor ele cria um perfil para este. Mas a figura que surge no livro é etérea, fugidia, quando não totalmente maluco. Como um Dom Quixote ao lado de sua fiel escudeira, no caso, uma tradutora carioca lésbica e *dublê* de detetive, a quem Marc Fischer chama de Watson (enquanto ela o chama de Sherlock), em nenhum momento ele se define como biógrafo, o que o coloca *dentro da narrativa*. Ele não é mero narrador, analista que reúne fatos e depoimentos dispersos. Fischer também é *personagem*, diga-se de passagem, sem nenhum distanciamento diante do seu *objeto de estudo*. Antes, completamente apaixonado. Só essa paixão, aliás, pode justificar a caçada (hilária) por um homem nunca visto:

Tentei todos os canais possíveis, ex-gravadoras, empresários, produtores de shows etc. Nunca obtive resposta. Quero... encontrá-lo porque não está claro se se trata de um louco, de um excêntrico,

de um fantasma, de um homem invisível, de um monge ou de alguém alérgico ao sol. (FISCHER, 2011, p. 17)

Para muitos estudiosos, o biógrafo tem de ordenar a vida do outro; trata-se de um Deus que deve *arrumar* e dar coerência a fatos dispersos e desordenados. Ele seria responsável por dar sentido à existência humana? Talvez por isso, quase sempre o modelo seguido é a busca obstinada pela *verdade, nada mais do que a verdade*, caminho trilhado por muitos biógrafos na ânsia de obterem reconhecimento e de serem tidos como confiáveis e sérios. É assim que evitam, a todo custo, a utilização de recursos literários. Contudo, esse modelo que persegue a objetividade, retratando tudo *exatamente como aconteceu*, tem sido muito questionado pelos estudiosos do filão, dada a aparente dificuldade de ser colocado em prática, uma vez que não é dada ao biógrafo a possibilidade do erro e da distorção.

Sergio Vilas Boas, autor dos livros *Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida* (2007) e *Biografias e biógrafos* (2002), apresenta (e contesta) vários dos pilares que sustentariam o filão biografia, como o fatalismo, quando o biógrafo acredita que seu personagem é um predestinado. Ao citar o livro *O anjo pornográfico*, de Ruy Castro (1993), Vilas Boas (2007, p. 91) afirma que a vida do dramaturgo Nelson Rodrigues nesse livro seria “uma sucessão de mortes, traições, abandonos, doenças... Ou seja, Nelson estava fadado ao sucesso mesmo que as circunstâncias lhe fossem desfavoráveis. O Nelson de Ruy é... um predestinado”.

Outro item comum aos biógrafos, segundo Vilas Boas (2007), é a ideia da extraordinariedade, quando biógrafos ressaltam seus biografados como pessoas únicas, extraordinárias e que, por isso, são merecedores da notoriedade de que gozam. Por fim, o autor rebate a *busca pela verdade*, base de muitas biografias. Abordando a biografia como “gênero literário de não ficção” (VILAS BOAS, 2007, p. 20), ele acredita que “um véu de verdade absoluta encobre as biografias, a visão dos biógrafos e a percepção de resenhistas e prefaciadores. O biógrafo pode atingir a verdade sobre o biografado. Pode-se recompor, filosoficamente falando, a totalidade da vida de um indivíduo pela escrita?”. Vilas Boas (2007, p. 152) responde que não. Ou seja, é como se o biógrafo que optasse escrever um livro buscando *a verdade* seguisse uma direção *impossível*, confirmando a noção de Malcolm (2011) e o que Bordieux (2006, p. 185) chama de ilusão biográfica: “Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência

de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica.”

Segundo Vilas Boas (2002), muitos biógrafos caem nessa *armadilha* ao tentarem manter em seus livros a mesma postura de trabalho realizado no jornalismo diário das redações de jornais, segundo ele (assim como para Malcolm), um aparente equívoco. Para ele, “a reconstituição do passado de um indivíduo (vivo ou morto) depende da evidência empírica. Mas o processo não é empírico *em si*, nem pode basear-se em mera superposição de fatos porque os fatos não são ‘puros’”. (VILAS BOAS, 2002, p. 54)

Nesse ponto, os já citados livros de Arfuch (2010), Malcolm (1995, 2011) e Vilas Boas (2002, 2007) se aproximam ao seguirem a premissa de Bordieus (2006) – a despeito de discordâncias pontuais e significativas: todos parecem concordar com a *impossibilidade* de se recompor “a plenitude da vida de um indivíduo pela escrita” isso porque a biografia é, como todo escrito, um *ponto de vista*, pois ela “transporta a carga de seu autor, suas impressões pessoais, sua formação, sua história de vida”. (VILAS BOAS, 2002, p. 136)

Fischer (2011) expõe contexto histórico, fatos e informações pessoais de seu personagem João Gilberto, mas seu livro parece expor os limites de um filão que também se apoia na audição de amigos e familiares, versões e relatos de memória que não dispensam o *causo*, o devaneio, a ironia e, até, a mentira. O jornalista alemão parece ter consciência de que é justamente da *negociação*, do *arranjo* desses elementos que se constrói a narrativa biográfica, isso porque ele opta por um modelo em que opiniões e fatos tem a mesma importância. Embora por vezes cruéis, a impressão é que a opinião de muitos sobre João Gilberto não passa de ironia, o que poderia dar margem a irritações e processos judiciais abertos pelo biografado. Mas, desde o início, embora narre tudo como se fosse a *mais pura verdade*, fica claro para o leitor que as fronteiras da verdade e da ficção são muito tênues no caso de *Ho-ba-la-lá*.

Ao registrar sua “caçada” ao cantor baiano, Fischer (2011) aproxima-se do conceito proposto por Arfuch (2010), para quem um biógrafo não pode dispensar uma fonte duvidosa, uma vez que todas as fontes *são duvidosas*. É o que ele oferece nesse perfil de João Gilberto: “Umbrais pouco reconhecíveis entre ficção, obra documental, romance histórico, ‘caso’ psicanalítico ou fofoca” (ARFUCH, 2010, p. 103), uma vez que, para ela, não há uma única “história do sujeito, tampouco uma posição essencial, originária ou mais ‘verdadeira’”. É a multiplicidade dos relatos, suscetíveis de enunciação diferente, em diversos registros e *coautorias*...

que vai construindo uma urdidura reconhecível como ‘própria’”. Para Arfuch (2010, p. 138-139, grifos da autora), o fato de um biógrafo se dizer fã de seu biografado não o exime da responsabilidade, pois:

a biografia será ameaçada desde a origem pela tensão entre admiração e objetividade, entre uma suposta ‘verdade’ a restaurar e o fato de que toda história é apenas *uma história a mais* a ser contada sobre um personagem. Sujeita ao risco de se tornar monumento, exercício de erudição, obsessão de arquivo ou inventário enjovado de mínimos acidentes ‘significantes’, também pode se transformar em estilete *contra* seu objeto.

Desde o início, o narrador de *Ho-ba-la-lá* parece descrever uma *missão impossível*. O livro é divertido, mas persiste certo desalento ao descrever uma tarefa sabendo que esta vai fracassar, característica que contraria o narrador da “biografia clássica”: Assertivo, seguro, aquele que *tudo sabe*. Fischer (2011) narra encontros com um ex-assessor do cantor; com Garrincha, o *chef* de cozinha que forneceu bifes de filé *mignon* durante cinco anos ao cantor, apesar de nunca tê-lo visto; com Roberto Menescal, João Donato; sua ex-mulher Miúcha (com quem teve uma filha, Bebel), mas persiste a sensação de que até mesmo os fatos expostos no livro são incertos, escorregadios, caindo por terra mais uma noção – a de que toda biografia deve exibir *verdades incontestáveis* e *certezas absolutas*. Marc, ao contrário, não se vê como especialista em João Gilberto, função para ele desempenhada por Ruy Castro (1990), em seu livro *Chega de saudade*, que Marc considera a *Bíblia* da Bossa-Nova. Fischer não passa sequer a certeza de que João Gilberto realmente exista, isso porque muitos dos seus entrevistados não veem o baiano há mais de dez anos.

Trancado em casa dia e noite, avesso a tudo e a todos, a pergunta repetida por Marc é: “O que ele faz o tempo todo?” (FISCHER, 2011, p. 17). Sem respostas e sem receio de ser tachado de fantasioso e inverídico, *Ho-ba-la-lá* traça um perfil biográfico de alguém perigoso e ameaçador. Para Menescal, “João é perigoso. Tem alguma coisa de sombrio. Ele muda as pessoas com quem tem contato... é capaz de você se tornar um amaldiçoado para todo o sempre” (FISCHER, 2011, p. 65). O perfil é o de um homem esquisito, extremamente sensível, difícil, cheio de manias: “Ele fala sempre com uma vozinha bem fraca, baixinho, uma voz meio sofrida, mas penetrante... A loucura dele é uma loucura suave, quietinha e, por isso mesmo, a mais perigosa que existe” (FISCHER, 2011, p. 67). Para a cantora Joyce, “João hipnotiza as pessoas... É preciso

tomar cuidado para que ele não entre na gente e tome posse feito uma jiboia. No livro que ela escreveu sobre a vida dela, o capítulo dedicado a João se chama ‘O medo... Desde então, ela nunca mais viu João nem quer ver’ (FISCHER, 2011, p. 120). Para sua atual esposa, Claudia Faissol, João “é um ser socialmente morto... um mutilado de guerra. Não percebe que não é saudável viver como ele vive, dentro de casa, no escuro, para sempre” (FISCHER, 2011, p. 143-5).

Em Diamantina, cidade mineira onde João Gilberto viveu na década de 1970 e para onde Fischer vai à cata de respostas, ele descobre que, já naquela época, quando viam o cantor: “algumas mulheres tinham medo. Trocavam de calçada quando ele vinha vindo” (FISCHER, 2011, p. 114). Enfim, o perfil mais insistente é de que João Gilberto é um vampiro que levanta às nove da noite e cuja única distração é tocar cerca de doze horas por noite para as paredes.

Castro (2011) considerou *Ho-ba-la-lá* um livro apaixonante, chegando a indagar: “Algum brasileiro escreveria livro igual?” Ele conclui que não. Castro (2011, p. E-25) afirma que o livro do alemão é composto por “fatos reais, com especulações (surpreendentemente a propósito) sobre a morte, o destino, a solidão, a fala por silêncios e a sensibilidade para com o invisível”.

Muitos associaram a notícia do suicídio do alemão Fischer a seu livro *Ho-ba-la-lá*. O autor se jogou de seu apartamento de Berlim, em abril de 2011, poucos dias após entregar as provas do livro. Tinha 40 anos. Para Castro (2011, p. E-25), “o que torna ainda mais chocante saber que... Quando me visitou aqui no Rio, há um ano – camiseta, bermuda, violão, gravador e olhos brilhando ao ouvir gravações de João Gilberto que não conhecia –, nada fazia prever esse desfecho”.

Conclusão

Neste trabalho foram citadas abordagens em torno da biografia, enfocando a dificuldade de serem mantidas características tidas como inerentes ao filão, como cobertura verdadeira e imparcial dos fatos da vida de alguém, uma vez que estes são uma *construção* baseada em depoimentos de amigos, adversários, familiares e colegas. Com isso, procurou-se ressaltar a oscilação entre busca da verdade e representação linguística, uma vez que uma vida jamais pode ser descrita em sua totalidade, por mais verídico que o relato ambicione ser – conclusões feitas da análise do livro *Ho-ba-la-lá*: à procura de João Gilberto, de Marc Fischer, que escreveu um livro lacunar, repleto de dúvidas e titubeios, seguindo direção contrária de obras que perseguem a verdade.

To be impartial, fair, and truthful: the tough task of the biographer

Abstract

*This paper discusses the characteristics and limits of the biography, a narrative that often involves balancing fact-checking and listening to different versions, often confronted with issues of impartiality, fairness and truth, elements that many biographers pursue. However, a work was reviewed that follows the opposite direction to that “classic structure”, the book *Ho-ba-la-lá: à procura de João Gilberto*, by journalist Marc Fischer, which explores the possibilities of this niche, mixing fact with fiction. The aim is to demonstrate other possible formats of the biographic narrative. To accomplish this goal, the following theoretical bases were used: *O espaço biográfico* (The biographical space), by Leonor Arfuch; *The journalist and the murderer*, by Janet Malcolm; and *Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida*, (Biographism: reflections on writings about life), by Sergio Vilas Boas.*

Keywords: *Biography. Truth. Fiction. João Gilberto.*

Referências

- ARAÚJO, Paulo César de. *Roberto Carlos em detalhes*. São Paulo: Ediouro, 2007.
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.
- BORDIEUX, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.
- CASTELLO, José. *O poeta da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CASTRO, Ruy. *Chega de saudade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CASTRO, Ruy. Livro narra caça a João Gilberto em tom policial. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 10 dez. 2011.
- CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- FISCHER, Marc. *Ho-ba-la-lá: à procura de João Gilberto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FRIAS FILHO, Otávio. Posfácio. In: MALCOLM, Janet. *O jornalista e o assassino*. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.
- MACIEL, Eliane. *Com licença eu vou à luta*. Rio de Janeiro: Rocco, 1982.
- MALCOLM, Janet. *A mulher calada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MALCOLM, Janet. *O jornalista e o assassino*. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.

MIRANDA, Ana. *A última quimera*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MORAIS, Pedro de. *Lampião: o mata sete*. Aracaju: Gráfica Andrade, 2011.

PAIVA, Marcelo Rubens. *Feliz ano velho*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1982.

SANTIAGO, Silviano. *Em liberdade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1981.

VILAS BOAS, Sergio. *Biografias e biógrafos*. São Paulo: Record, 2002.

VILAS BOAS, Sergio. *Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida*. São Paulo: Unesp, 2007.

Enviado em 13 de novembro de 2012.

Aceito em 2 de fevereiro de 2013.